

**MEMÓRIA, FUTEBOL E MULHER: ANONIMATO,  
OFICIALIZAÇÃO E SEUS REFLEXOS NA CAPITAL PARAENSE  
(1980-2007)**

Profa. Sandra Letícia Ferreira Magalhães

Universidade Federal do Pará

Belém, Pará

leticia.magalhaes@yahoo.com.br

Recebido em 16 de setembro de 2008

Aprovado em 26 de novembro de 2008

**Resumo**

Trata-se de um estudo monográfico que se propõe a discutir o processo de construção do futebol feminino na capital paraense, com ênfase para a participação feminina nesse esporte no contexto de redemocratização no Brasil, destacando o processo de oficialização dessa categoria na primeira metade da década de 1980, estendendo-se até a primeira metade do século XXI. Assim como enfatizar o esquecimento do futebol feminino paraense por parte das autoridades competentes. Nesse sentido, busca-se priorizar os sujeitos históricos envolvidos, a redefinição do papel feminino na sociedade paraense, os debates que movimentaram a oficialização do esporte, e diversas funções exercidas pelas mulheres no futebol: atleta, arbitra, torcedora, técnica, etc. Abordando a questão do preconceito relacionado ao gênero e a relação da condição sexual das jogadoras com o futebol, observando a questão da violência muito presente no futebol feminino devido a rivalidade entre os clubes, principalmente, Remo e Paysandú, que atingia atletas, torcedores, dirigentes, imprensa e até a polícia militar.

**Palavras-chave:** futebol feminino; memória; gênero.

**Abstract**

**Memory, soccer and women: anonymity, officialization and its consequences in the capital of Pará**

This article is a monographic study that aims at arguing the process of construction of the feminine soccer in the capital of Pará, giving to emphasis to the feminine participation in this sport in the context of new democrat in Brazil, detaching the process officialization of this category in the first half of the decade of 1980, extending itself until first half century of XXI, as well as emphasizing the forgetting of the paraense feminine soccer on the part of the competent authorities. In this direction, one searches to prioritize the involved historical citizens; the redefinition of the

feminine paper in the paraense society; the debates that put into motion the officialization of the sport and diverse functions exerted for the women in the soccer: athlete, decides, the fan, technique, etc. Approaching the question of the preconception related to the sort and the relation of the sexual condition of the players with the soccer, observing the question of the very present violence in the feminine soccer wich had the rivalry between the clubs, mainly, Remo and Paysandú, tha reached athlete, fan, controllers, the press and until the a military policy.

**Keywords:** feminine soccer; memory; gender.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho se propõe a discutir o processo de construção do futebol feminino em Belém, dando ênfase à participação da mulher neste esporte no contexto de redemocratização no Brasil, e principalmente o processo de oficialização dessa categoria na primeira metade da década de 1980, estendendo-se até a primeira década do século XXI. Neste sentido, busca-se priorizar os sujeitos históricos envolvidos; a redefinição do papel feminino na sociedade paraense no período estabelecido; os debates que movimentaram a oficialização do esporte e as diversas funções exercidas pela mulher no futebol: atleta, árbitra, torcedora, técnica, diretora de associações desportiva.

Seria possível começar a reflexão discutindo: por que as questões relativas às mulheres são tratadas sob o termo de gênero? Porque o termo gênero foi construído socialmente com a finalidade de compreender as relações estabelecidas entre os homens e as mulheres e os papéis idealizados por cada um na sociedade. “A categoria gênero reivindica para si território específico, em face da insuficiência dos corpos teóricos existentes para explicar a persistência da desigualdade entre mulheres e homens.”<sup>1</sup> Dessa forma, através de sua característica basicamente relacional, “a categoria gênero

---

<sup>1</sup>. C.f.MATOS, Maria Izilda S. de. “Outras Histórias: As mulheres e estudo dos Gêneros Percursos e Possibilidades”. In: MATOS, Maria Izilda S. de (org.). *Gênero em Debate* São Paulo: EDUC, 1997, p. 94-95.

procura destacar que os perfis de comportamento feminino e masculino definem-se um em função do outro. Esses perfis se constituem social, cultural e historicamente num tempo, espaço e cultura determinados.”<sup>2</sup> As relações ainda não são de igualdade e harmonia entre os gêneros masculinos e femininos, principalmente no futebol, porém muitos valores sobre as mulheres já estão mudando.

Pressupõe-se uma análise com base nos encontros e confrontos culturais, sociais e políticos sobre as vivências das mulheres inseridas no mundo futebolístico, na qual se encontravam no “anonimato” legal. Portanto, com algumas mudanças ocorridas no setor esportivo, principalmente em sua organização, o futebol feminino começa a ganhar novo “corpo”, visto que, a legislação brasileira desportiva sofreu uma série de alterações. Realizou-se a oficialização do futebol feminino em 1983, e no Pará, alguns Clubes que já praticavam tal esporte se envolveram cada vez mais nesse processo de divulgação, na qual a presença feminina destacou-se em diversas categorias do esporte, sendo divulgada com uma maior intensidade pela imprensa esportiva.

Além disso, será contemplado na análise um comentário sucinto sobre o histórico do futebol feminino paraense, passando pelo futebol pelada<sup>3</sup> do João Addário<sup>4</sup> até o futebol do Independente (atual no Pará).

Destaca-se o futebol como um esporte que tomou conta das últimas décadas por ser o esporte mais popular no país, em Belém o futebol feminino já havia se tornado popular, sintoma do espaço conquistado pelas mulheres, mas ainda era muito questionado.

---

<sup>2</sup>. Idem.

<sup>3</sup>. Palavra que pode definir o jogo de futebol ruim, enfadonho, sem técnica. Pode ser o mesmo que Baba, na Bahia. Também se refere ao confronto disputado por jogadores em campinhos de futebol onde se pode atuar descalço e até sem uniforme. C. f. AQUINO, Rubim Santos Leão de. Futebol, uma paixão nacional. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, p. 157.

<sup>4</sup>. Diretor do Clube do Fuzuê na década de 1970. Radialista da rádio Clube e assessor do departamento feminino de futebol em Belém na década de 1980 da Federação Paraense de Futebol.

Será abordada a questão do preconceito, relacionado ao gênero masculino e feminino e também a relação da condição sexual das jogadoras, dito de outro modo a “aversão” a suposta homossexualidade das atletas no futebol por parte da sociedade. Será ainda analisada a questão da violência que se desenvolveu nos jogos devido à rivalidade entre os clubes, principalmente, Remo e Paysandú, que atingia as atletas, torcedores, dirigentes, imprensa e até a polícia militar.

Será feita uma abordagem breve sobre o esquecimento do futebol feminino por parte das autoridades competentes (Governo, Federação Paraense de Futebol, empresários).

Falar-se-á sobre a volta do futebol feminino nas modalidades campo e salão e suas respectivas modificações, destacando o Clube Independente que é o referencial do futebol feminino paraense.

Com base nesses pressupostos o estudo proposto tem como objetivo discutir o papel da mulher na construção do futebol feminino paraense, dando ênfase à suas ações diante do processo de oficialização dessa categoria na primeira metade da década de 1980, no contexto de redemocratização. Nesse sentido, busca-se destacar os sujeitos sociais que contribuíram para a história do futebol feminino no Pará como jogadoras, torcedores, cronistas, dirigentes, presidente da FPF<sup>5</sup>, diretor do Departamento de Futebol Feminino da FPF, familiares das atletas, juizas, Defensora Pública do TJD (Tribunal de Justiça Desportivo) da Federação Paraense de Futebol, reelaborando o passado através de “memórias”<sup>6</sup>. Como assinala Alistair Thompson, a História que

---

<sup>5</sup>. Federação Paraense de Futebol

<sup>6</sup>. De acordo com Marina Maluf, a memória, um dos elementos que dá unidade a um grupo, depende do sentimento de um tempo contínuo, de um tempo fluído que opera apenas limites incertos entre o vivido e o tempo presente. C. f. “Memórias sagradas, história profana.” In: *Ruídos da memória*. São Paulo: Siciliano, 1995, p. 43. Ver também: Para Maurice Halbwachs[...] a memória é a reconstituição de

relembramos não são representações exatas de nosso passado, mas trazem aspectos desse passado e os moldam para que se ajustem às nossas identidades e aspirações atuais.<sup>7</sup> Nesse sentido, como memória historiográfica construída, o futebol feminino paraense apresenta inúmeros significados, com seus rituais, simbolismo e identidades amazônicas: história, literatura e memória.

Este estudo apesar de delimitar um tempo preciso, partirá do tempo presente e em constante diálogo com as experiências de sujeitos históricos no passado. De acordo com Bloc “ignorar o passado comprometeria à ação no presente [...]. O presente exige um estado em si, pois é um momento original, que combina origens passadas, tendências futuras e ação atual.”<sup>8</sup>

Os sujeitos são fundamentais para o entendimento do “Futebol feminino que vai do anonimato ao processo de oficialização na Capital Paraense e seus reflexos na atualidade (1980-2007), através de suas memórias”, revelando suas experiências, os discursos produzidos, as alianças e os confrontos, dando sentido para os fatos acontecidos, assim como selecionando as imagens de um passado. Desse modo, “os acontecimentos lentos ou rápidos que ocorrem [...] podem ser absorvidos e processados na memória comum quando provocar mudanças e segmentações [...]”<sup>9</sup>

Foram realizados os “cruzamentos” das fontes utilizando o campo cultural-social-intelectual, onde nem o documento nem os fatos ficaram desprendidos ou sozinhos na História. Cabendo-me, reconstruí-los através das fontes. Foram utilizados diversos meios como análises, comparações e desconstruções para vencer as lacunas e

---

experiências pessoais e sociais que se desenrola sempre a partir de dentro do grupo, de modo a oferecer dele um quadro de analogias no qual membros se reconheçam. C.f. Apud. MALUF, Idem, p. 41.

<sup>7</sup>. C.f. THOMSON, Alistair. *Recompondo a Memória: Questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias*. In: *Projetos Histórias*. nº 15, abril/1997, p. 57.

<sup>8</sup>. C.f. BLOC, Marc. apud. REIS, José Carlos. “O surgimento da ‘Escola dos Annales’ e o seu ‘Programa’”. In: *Escola dos Annales - A Inovação em História*. São Paulo: Paz & Terra, 2000, p. 85.

<sup>9</sup>. C.f. MALUF. op.cit. p. 43.

silêncios das fontes. Também se utilizou fontes de vários tipos possíveis: manuscritos, orais, fotografias, etc. Os documentos analisados foram fontes manuscritas como: periódicos que circularam na cidade de Belém no período (1980-2007), fontes orais, revistas, artigos e outros.

A província do Pará, O Diário do Pará e O Liberal foram de extrema importância, pois foram jornais que enfatizaram o futebol feminino no Pará, destacando seus costumes e linguagens.

Foram realizadas entrevistas com sujeitos que tiveram papel fundamental na história do futebol feminino paraense, jogadoras, torcedoras, cronistas, dirigentes, presidentes da FPF, Diretor do Departamento de Futebol Feminino, Juíza, Defensora Pública do TJD da FPF, para que se possa ter uma compreensão da sociedade paraense nesse momento, uma vez que “toda história depende finalmente de seu propósito social”<sup>10</sup> e a “História oral é a que melhor reconstrói os particulares triviais das vidas das pessoas comuns para aqueles que desejam realizar isso.”<sup>11</sup> Sendo que, “o contar uma estória [Sic] é tomar as armas contra a ameaça do tempo, resistir ao tempo ou controlar o tempo. O contar uma história preserva o narrador do esquecimento, a estória [Sic] constrói a identidade do narrador e o legado que ela ou ele deixou para o futuro.”<sup>12</sup>

O período estudado (1980-2007), diz respeito ao tempo em que o futebol feminino paraense se desenvolveu, ganhou sua legalidade, fez grandes Torneios Estaduais, interestaduais e internacionais. Promovendo algumas atletas para outros Estados e Países, levando o nome do Pará para além das “fronteiras” sociais através do Clube Independente.

---

<sup>10</sup>. C.f.THOMPSON, Paul. Apud. BURK, Peter. “História Oral”. In: A Escrita da História.p.192.

<sup>11</sup>. C.f.PRINS, Gwyn. Apud. BURK, Peter.op.cit.

<sup>12</sup>. C.f.PORTELLI, Alessandro. “ O momento da minha vida”: funções do tempo na história oral. In: FENELON, Déa Ribeiro (et alii ) (orgs.). Muitas memórias, outras histórias. São Paulo: Olho d' Água, 2004, P. 296.

O tema em questão mostrou-se um desafio, pois falar de futebol é pensar, o mesmo definido como esporte que utiliza uma bola jogada com os pés, mal deixa entrever o universo de significações simbólicas, psíquicas, sociais, culturais, históricas, políticas e econômicas.<sup>13</sup> Este esporte tem sido alvo de debates em todos os meios de comunicação por ter se tornado um produto cultural de massa.

Dessa forma, do ponto de vista acadêmico, alguns pesquisadores vêem o futebol como um “desvio social”, sendo considerado por alguns como “ópio do povo brasileiro.”<sup>14</sup> Este esporte serviria de instrumento da classe dominante, na qual manipularia e alienaria as massas. Sem dúvida, esse caráter de alienação atribuído ao futebol, ocorreu especialmente durante a Ditadura Militar no Brasil, “a partir dos anos 1970, com o auge do autoritarismo militar personificado na figura do presidente Emílio Médice.”<sup>15</sup>

Permito-me discordar de tal afirmação, entretanto, não é o futebol que aliena as pessoas e sim o que pode estar por trás dele, o poder governamental, por exemplo, como foi o caso ocorrido na década de 1970, quando o governo militar utilizava o futebol como forma de “distração” para desviar a atenção da “população”<sup>16</sup> da real situação que se passava no país.

Entretanto, o futebol também contribuiu para nossa história social, e nos ensina uma série de valores, conforme Da Matta “é uma verdadeira escola de democracia, todos podem perder ou ganhar.”<sup>17</sup> Também apresenta uma característica implícita de disciplinar as massas, “ensinar que vitória não lhe dá o direito de tripudiar, a derrota

---

<sup>13</sup>. C.f.BRUNI, José Carlos. “Dossiê Futebol”. São Paulo: Revista USP, n° 22, p. 7.

<sup>14</sup>. C.f.LEVINE.Apud. CALDAS, Waldenyr: Aspectos sócio-políticos do futebol brasileiro. In: Dossiê Futebol. São Paulo: Revista USP, n° 22, p. 45-46.

<sup>15</sup>. CALDAS, Idem, p.46.

<sup>16</sup>. É necessário ressaltar que tal alienação não ocorria de forma total, existiam pessoas que questionavam o atual governo (Músicos, artistas, compositores, jovens, professores, políticos, etc.).

<sup>17</sup>. C.f.DAMATTA, Roberto. “O futebol é a maior escola de democracia.” Rio de Janeiro: Revista de História da Biblioteca Nacional, ano 1, n° 07, 2006, p. 7.

também não significa que você é o último homem do mundo [...] consenso igualitário que caracteriza a democracia liberal.”<sup>18</sup>

Todavia, se o futebol nos ensina todos esses valores sociais caracterizados por uma democracia liberal, é notório que na prática a mulher ainda é excluída de tal esporte, pelo fato de o universo do futebol caracterizar-se por ser, desde sua origem, um espaço eminentemente masculino. Os valores embutidos nesse espaço e dele derivados estabelecem limites, que nem sempre são claros, mas que devem ser observados e cumpridos. Nesse sentido, a democracia fica apenas na teoria, pois na prática o que se vê é a atleta em busca de seu espaço, reconhecimento e valorização do futebol feminino.

Dessa forma, é possível fazer uma análise de cunho político, social, cultural, econômico e até ideológico do futebol feminino paraense ainda que tenha sido pouco explorado pela historiografia local.

A partir desses questionamentos sobre o que seria específico numa história do futebol feminino no Pará, percebe-se que embora a mulher tivesse feito parte da história do futebol, construindo sua própria história “ela não fora notada, nem anotada, mencionada, estudada. Ela era uma categoria de análise quase invisível - existia - mas não se sabia quando, onde, como e por que.”<sup>19</sup>

Desse modo, este trabalho pretende resgatar os papéis femininos dentro do futebol, entremeados de situações sociais, econômicas e culturais.

As formas como as mulheres se vêem, e são vistas, como elas se identificam com o futebol, é construído historicamente. “A identificação de um determinado perfil

---

<sup>18</sup>. Idem.

<sup>19</sup>. C.f.FALCI, Miranda Britto Knox. MELO, Pereira de. “Riqueza e Emancipação: Eufrásia Teixeira Leite uma análise de gênero.” In: GEBRAN, Philomena. *História Cultural*. Goiânia: Vieira, 2006, p. 173.



como os papéis assumidos, comportamentos que deve ter, sonhos, desejos e expectativas são construídos sociais e históricos.”<sup>20</sup>

Nesse sentido, a figura da mulher no futebol está relacionada com o universo das práticas sociais que as envolvem. Portanto, é relevante perceber a mulher inserida no futebol, sua trajetória para que se possa compreender a construção do futebol feminino paraense e seus reflexos na atualidade.

### **A Oficialização do Futebol Feminino em Belém.**

#### 1.1 – Suas histórias e seus personagens.

O futebol feminino no Brasil era proibido desde o período do Estado Novo. Devido não ser considerado condizente com a idéia do padrão comportamental feminino da época, Getúlio Vargas elaborou o Decreto-Lei 3.199, artigo 54 em 14/04/1941<sup>21</sup>, com finalidade de proibir a participação feminina em todo o território nacional das seguintes práticas esportivas: luta de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo, pólo aquático, rugby, halterofilismo, handebol e base-ball. “As mulheres não se permitirá na prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este feito, o Conselho Nacional dos Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país.”<sup>22</sup>

Esta proibição, em especial o futebol, tinha como objetivo impedir que esta atividade viesse a prejudicar a saúde e a estética feminina. Por trás desse discurso, existia a preocupação de controlar essas mulheres para que não houvesse o rompimento

---

<sup>20</sup>. Idem, p. 176.

<sup>21</sup>. C.f.LEX 1941. V, p. Leg. Federal x Marginalia. Biblioteca Arthur Vianna.

<sup>22</sup>. Idem.

com as idéias do padrão feminino que se apresentava na sociedade. Tais preocupações sobre a inserção da mulher no futebol podem ser analisadas devido o aumento das mesmas no esporte, pois o governo e parcela da sociedade brasileira acreditavam que o futebol era uma forma de exibicionismo da mulher.

Mesmo o futebol feminino sendo proibido no Brasil, em Belém do Pará na década de 1920, a participação das mulheres no futebol paraense já existia, com o surgimento dos clubes em Belém. Conforme Gaudêncio “elas desde o início atuavam na construção dos festivais esportivos [...] a mulher estava ligada ao futebol, seja no acompanhamento do marido, políticos importantes [...]”<sup>23</sup> Dessa forma, as mulheres também participavam no futebol paraense, não somente nos bastidores dos festivais, mas também nas partidas exibidas na sociedade. “Com a criação de um clube feminino em Belém, localizado na Rua 16 de novembro, no ano de 1924,”<sup>24</sup> como é possível analisar segundo Gaudêncio:

#### Um quadro feminino

As nossas graciosas patrícias num gesto digno de louvores e de applausos, querendo dar uma nota nos almofadinhas empolgados das esquinas, fundaram um clube de futebol, original, pois, é o primeiro que se forma no Brasil com representantes do bello sexo.

O interessante clube funciona à avenida 16 de novembro e denomina-se “o bloco das palmeiras”, pro [Sic] causa das lindas palmeiras da arborização daquelle trecho. Está assim organizado o quadro do “Bloco”:

Lucimar Rebello

Lenita Rebello – Maria Fiúza

Lucimar Fiúza – Nair Araújo – Maria Bastos

Célia Ribeiro – Maria Heskett – Alice Rebello

Zélia Araújo – Nadir Ribeiro.

Ah! Quanto “Gavião” não anda torcendo p’ra ser arbitro desse quadro...

Jairo<sup>25</sup>

---

<sup>23</sup>. C.f.GAUDÊNCIO, Itamar Rogério Pereira. Dissertação. “Re x Pa na cidade: futebol e política em Belém do Pará.” In: *Diversão, Rivalidade e Política: O Re x Pa nos festivais futebolísticos em Belém do Pará (1905-1950)*. Belém. CFCH/UFPA, 2007, p. 17.

<sup>24</sup>. Idem, p.18

<sup>25</sup>. Idem, Ibidem, p.18. C. f. também: “Criação de um clube feminino.” *Revista A Semana*, 16/11/1924.

Observa-se na fonte acima, que o futebol feminino há muito “rolava” na capital paraense, contrapondo-se com a idéia de que o único acesso feminino no futebol era sua tímida presença nos estádios, como espectadoras de eventos. Sendo assim, com a popularização do esporte e sua fatal adesão pelas camadas mais diversas da sociedade, de grupos da mais variada condição social entre outros fatores, fez com que mesmo uma simples presença no estádio, como espectadora, tornasse duvidoso o caráter feminino.

O Decreto-Lei 3.199, artigo 54, foi regulamentado em 1965 que normatizou a prática esportiva feminina. O conteúdo desse Decreto deliberava:

Baixa instruções de Desportos no uso das atribuições que lhe são conferidos pelos dispostos nos artigos 1º e 3º do Decreto-Lei nº 3.199(\*), de 11 de abril de 1941, e em cumprimento a determinação contida no artigo 54 do citado Decreto-Lei delibera:

1. [...] Não é permitido a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo, pólo aquático, rugby, halterofilismo e baseball.[...]
2. [...] No caso de desportos que não seja dirigido por entidade internacional, o dirigente no Brasil deverá solicitar ao CND a devida autorização para que possa ser praticada pelas mulheres.

Revogam-se as disposições em contrário.

Sala das Sessões, 2 de agosto de 1965 – General Eloy Massey Oliveira de Menezes, Presidente ( D.O de 2- 9-1965, p. 8 – 984).

(\*) V. LEX, Leg. Fed. 1941, p. 216.<sup>26</sup>

Mesmo normatizados, as práticas de esporte pelas mulheres continuavam a ser proibida, pois o governo por ser autoritário tentava de todas as maneiras controlar a população, principalmente as mulheres, não sendo fácil quebrar o laço com modelo de mulher dominante.

O Fuzuê do João Addário na década de 1970, levou ao conhecimento público paraense o esporte feminino praticado por suas atletas nos fins de semana, futebol “pelada”, no Parque do Fuzuê, localizado em Ananindeua.<sup>27</sup> O Fuzuê era um time formado por meninas na faixa etária entre 16 a 18 anos, em quantidade de vinte e duas

---

<sup>26</sup>. C.f. LEX 1965- XXIX. Junho a setembro. Legislação Federal\* Marginalia.

<sup>27</sup>. C.f.MAGALHÃES, Sandra Letícia Ferreira. “O futebol feminino no Pará: ‘Era o maior Fuzuê.’” In: *“Futebol é coisa de mulher”: Participação feminina no futebol paraense (1960-1979)*. Monografia. Belém: CFCH/UFPA, 2005, p.37.

atletas, com nível socioeconômico misto, classe alta 40%, média 30% e baixa 30%.<sup>28</sup> Esse futebol “pelada” durou até final da década de 1970, quando suas atletas começaram a deixar o futebol para ingressar em uma carreira fora dos gramados.

Entretanto, não dependia apenas dos pés das mulheres capazes de driblar, darem trivelas, defenderem a zaga, chutarem em gol. Pois, no Brasil, como já foi dito antes era reservado somente aos homens o direito de participarem de torneios e competições de campo. Sob esse aspecto legal a mulher não poderia praticar oficialmente o futebol de campo porque a FIFA<sup>29</sup> não reconhecia ainda. E a lei obrigava que cada confederação esportiva seguisse as normas da entidade internacional. Como a FIFA não tinha normas, a CBF<sup>30</sup> era obrigada a respeitar e fazer com que as federações e associações de todo o país respeitassem também.

O que preocupava os organizadores da “bola” no que diz respeito a questão da saúde era, se as mulheres poderiam praticar o esporte com segurança, e não viessem a sofrer nenhum prejuízo ao organismo. Na Europa, por exemplo, já existia nesse momento um movimento concreto e positivo, onde as competições de futebol feminino se realizavam com assiduidade. “A União das Associações (UEFA) estudou o assunto e chegou a estabelecer normas e disciplina sobre competições.”<sup>31</sup> Entretanto, no Brasil, esse ainda era um sonho bem remoto, pelo fato das autoridades não aceitarem a prática do esporte, esse fator gerava um grande descontentamento das mulheres que praticavam o futebol, levando as mesmas a reivindicarem por seus direitos no esporte, resultando em congressos interestaduais, organizados por atletas que lutavam pela legalização do futebol feminino frente à categoria amadora. A exemplo do I Congresso

---

<sup>28</sup>. Idem, p.43.

<sup>29</sup>. Federation International Football Association.

<sup>30</sup>. Confederação Brasileira de Futebol.

<sup>31</sup>. C.f. “Futebol um prazer legalmente proibido as mulheres.” Belém. *O Liberal*. 05/12/1980, p. 1.

de Futebol Feminino, ocorrido em Recife no dia 15/12/1980<sup>32</sup>, composto por equipes de todos os lugares do Brasil, do futebol de campo e de salão. Estas mulheres buscavam a igualdade junto ao futebol masculino e todos os desportistas, rompendo com as inúmeras dificuldades existentes nos meios desportistas locais, quebrando a imagem de sexo frágil como a mulher era vista por parte da sociedade.

Na década de 1980, o futebol feminino paraense ganha uma nova “roupagem”, mesmo com a saída do Fuzuê feminino dos gramados, a prática do esporte continuava entre atletas de empresas que jogavam nos fins de semana. As empresas formavam times para disputar torneios entre elas, o da SIAPESCA, fábrica de camarão da qual fazia parte dona Benedita, em que “depois que o seu marido faleceu ela começou a trabalhar e a jogar pela empresa que reunia as mulheres para treinar e jogar futebol fins de semana.”<sup>33</sup>

Os clubes como Remo, Paysandú, Tuna Luso Brasileira, e outros, começaram a formar suas equipes para o “comentado” campeonato de futebol feminino que iria ocorrer em Belém. O futebol feminino ainda não era oficializado, mas já se ouvia falar do processo de oficialização do esporte, através de rádios, jornais, televisão.

No dia 25 de março de 1983, conforme a deliberação do Conselho Nacional de Desportos nº 01/83 é oficializado a prática do futebol feminino no Brasil, no uso das atribuições que lhes foram conferidas pela lei nº 6.251, de 08 de outubro de 1975 e pelo Decreto nº 80.228, de 25 de agosto de 1977, considerando o inequívoco interesse das mulheres, no Brasil, em praticar o futebol de campo; considerando que no exterior, principalmente na Europa, na área da jurisdição da UEFA, já existia regulamento

---

<sup>32</sup>. C.f. “I Congresso de Futebol Feminino.” Belém. *O Liberal*. 05/12/1980, p. 1.

<sup>33</sup>. C.f. Entrevista datada em 17/10/2004, com dona de casa a Sra. Benedita, viúva, natural de Cametá, veio morar em Belém com seu esposo e filhos, hoje com 68 anos, ex-jogadora do time do SIAPESCA, fábrica de camarão e torcedora fanática do Clube do Remo.

próprio para a prática de futebol feminino. Dessa forma foram criadas normas básicas que deverão reger a prática do futebol no país pelas mulheres. Dentre as normas podemos destacar a intenção de preservar e protegê-las:

#### CONSELHO NACIONAL DE DESPORTOS

##### Deliberação CND nº 01/83

“[...] RESOLVE: Art. 1º - o futebol feminino poderá ser praticado nos Estados, nos Municípios, no Distrito Federal e nos Territórios, sob a direção das Federações e Ligas do desporto comunitário, cabendo à Confederação Brasileira de Futebol a direção no âmbito nacional. Art. 2º - Só poderão participar de competições, campeonatos, torneios, ou partida, ainda que como simples exibição, com ingresso pago, as associações desportivas filiadas às ligas ou federações. Art. 3º - é vedada, no futebol feminino, a prática do profissionalismo, até que a mesma seja regulamentada por lei. Art. 4º - As partidas de futebol feminino serão disputadas de acordo com as leis do jogo promulgadas pelo “International Foot-Ball Association Board”, observadas as exceções a seguir enumeradas: a – o campo de jogo, de forma retangular, não deverá exceder de 110 x 75 metros, recomendando-se, porém, a utilização de campos de 90 x 64 metros; b - a bola a ser utilizada, de número 4 (quatro), deverá ter, no máximo, 66 cm e, no mínimo, 62 cm de circunferência, devendo o seu peso oscilar entre 340 e 390 gramas; c – cada partida deverá ter a duração de 70(setenta) minutos, divididos em dois tempos de 35 (trinta e cinco) minutos, separados por intervalos que não poderá ser inferior a 15 (quinze), nem a 20(vinte) minutos. [...] SALA DAS SESSÕES, 25 de março de 1983. ass.) CÉSAR MONTAGNA DE SOUZA – Presidente do CND.”<sup>34</sup>

Mesmo com as mudanças ocorridas na sociedade e a partir da deliberação da CND<sup>35</sup> sobre o futebol feminino, ainda se observava alguns entraves<sup>36</sup> para que as mulheres pudessem praticar o esporte. Conforme mostra o documento de deliberação, o futebol feminino ganha algumas regras mais rígidas, entre elas o tempo das partidas são inferiores as do futebol masculino, a bola tem que ser mais leve, o campo deve ser menor. Não era permitido jogar com equipes masculinas, nem jogar profissional, o

---

<sup>34</sup>. C.f. Ministério da Educação e Cultura: Conselho Nacional de Desporto. Arquivo da Federação Paraense de Futebol.

<sup>35</sup>. Confederação Nacional de Desportos.

<sup>36</sup>. Tais entraves são preconceito e violência, estes tópicos serão abordados no segundo capítulo deste trabalho.

futebol feminino passa a ser oficializado, mas ainda precisava ganhar regras, iguais a do masculino.

Com a deliberação, o futebol começa a ser mais praticado, saindo do mundo das peladas<sup>37</sup> para os campeonatos entre clubes. Cria-se um regulamento para o Campeonato Paraense de Futebol Feminino.

#### Regulamento do Campeonato de Futebol Feminino de 1983.

##### Capítulo I

##### Das disposições preliminares

Art. 1º - O Campeonato Paraense de Futebol Feminino de 1983, promovido pela Federação Paraense de futebol e devidamente aprovado pelo Conselho arbitral, consoante o que estatui a legislação vigente, será regido pelo presente Regulamento.

Art. 2º - Participarão do Campeonato os filiados regulamente inscritos no referidos certame e que são os seguintes:  
A.C Izabelense, Clube do Remo, Paysandu E. Clube, Tambés e. Clube, Yamada Clube, Tuna Luso Brasileira e Sport Clube Belém.

Art. 3º - O campeonato será disputado no período de 25.09 a 18.12.83, de acordo com a programação a ser organizada pelo departamento técnico da FPF.<sup>38</sup>

Este regulamento conduzia um conjunto de normas no futebol feminino que definia a contagem de pontos, a organização do campeonato, os jogos locais, as atletas, o número de atletas, a arbitragem, o adiantamento, antecipação, suspensão e anulação da partida, as infrações e suas penalidades, as disposições finais. Estas organizações são observadas de acordo com a tabela de jogos montada pela Federação Paraense de Futebol que definia os jogos e quais as equipes que participariam, no 1º turno e no 2º turno.

Belém se preparava para o I Campeonato Paraense de Futebol Feminino. Os clubes fizeram concursos para descobrirem talentos, e divulgaram através do rádio o

---

<sup>37</sup>. C. f. AQUINO, op.cit.

<sup>38</sup>. C.f. "Campeonato Paraense de Futebol Feminino". I Certame: regulamento: Federação Paraense de Futebol. Belém, 1993, p. 1.

processo de seleção para formar as equipes de futebol feminino. Foi assim que a ex-jogadora do Paysandú, a zagueira Helena, ingressou como atleta.<sup>39</sup>

Ouvi na rádio que estavam selecionando moças para formar uma equipe para jogar no Torneio Início, e meu pai também ouviu e me incentivou, era muita mulher concorrendo, mas acabei ficando na equipe.<sup>40</sup>

Participou também na década de 1970 em jogos contra o Fuzuê. Assim como Helena outras atletas também ingressaram nesse esporte, muitas vinham do futebol de rua, de escola, de fim de semana, consideradas verdadeiros “museus” do futebol. Um exemplo desses é a ex-jogadora de meio de campo Elísia que fez parte do Fuzuê e até hoje joga no Independente. Passou por vários clubes de Belém, o Fuzuê onde começou sua carreira, Sport Belém, Paysandú Sport Club, Clube do Remo, Yamada, Tuna Luso Brasileira, Seleção Paraense de futebol e finalmente no Independente. Para Elísia o início foi difícil, pois “tinhamos algumas dificuldades no Sport Belém, uma vez que o esporte amador nunca foi valorizado, recebíamos um treinamento militar, treinávamos na Júlio César todos os dias, apenas com o apoio da aeronáutica.”<sup>41</sup>. O processo de disciplinamento das jogadoras do Sport Belém pode está ligado ao poder disciplinar<sup>42</sup> através de treinamentos físicos, táticos e técnico que manipulam o corpo, na tentativa de alcançar o padrão ideal de jogador, resistente e habilidoso.<sup>43</sup>

---

<sup>39</sup>. C.f.Entrevista datada em 09./11/2006, com ex-jogadora do Paysandú, a zagueira Helena, hoje com 42 anos, atua como professora de educação física. Realiza trabalho voltado para pessoas especiais.

<sup>40</sup>. Idem.

<sup>41</sup>. C.f.Entrevista datada em 10/11/2006, com a ex-jogadora a meio de campo Elísia, jogou no Fuzuê, Sport Belém, Paysandú Sport Club, Clube do Remo, Yamada, Tuna Luso Brasileira, Seleção Paraense de futebol e Independente. Considerada por ela como polivalente, atuava em várias posições, direita, esquerda, hoje aos 50 anos ainda joga, sua profissão atual é de técnica de Telecom/Alcatel.

<sup>42</sup>. É um poder em formas de técnicas, dispositivos, métodos de controle do corpo e dos atos dos indivíduos, almejando a docilidade e utilidade. C. f. RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. Artigo. Dissertação do Mestrado em Sociologia (UFRGS). Modernidade, disciplina e futebol: Uma análise sociológica da produção social do jogador de futebol no Brasil.14/03/2007, p. 4. C. f. [www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-45222004000100012](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222004000100012).

<sup>43</sup>. Idem.



É possível fazer uma analogia das jogadoras de futebol com o militarismo, conforme Michel Foucault “o soldado passa a ser fabricado, treinado, tornando-se praticamente uma máquina especializada, sobre a qual se exerce controle [...] se torna um corpo disciplinado, construído socialmente através de mecanismo disciplinares (positivos).”<sup>44</sup> Da mesma forma acontece com o jogador de futebol, a figura do jogador operário desaparece com o processo de profissionalização, exigindo mecanismos específicos e um processo de produção do jogador, um profissional. Nesse sentido, o futebol é analisado como uma instituição disciplinadora, onde se tem a obediência técnica e tática, uma disciplina corporal e moral.<sup>45</sup>

O I Campeonato Feminino de Futebol Paraense ocorreu em 1983, o qual reuniu sete clubes para o Torneio Início<sup>46</sup>, era uma espécie de campeonato inicial, retirando os clubes finalistas para participarem do Campeonato Paraense. Esse torneio teve como vencedor o Clube do Remo que ganhou a Tuna Luso Brasileira na apuração de cobrança de escanteios já que durante o tempo regular o jogo terminou em 2x2.<sup>47</sup> Nesse sentido, o escanteio<sup>48</sup> era usado como um dos critérios de desempate nos campeonatos e que geralmente beneficiava os times pequenos. O clube vencedor deste campeonato foi nomeado através da portaria nº 324/83, pela FPF<sup>49</sup> conforme o documento abaixo:

---

<sup>44</sup>. C.f.FOUCAULT.apud.Rodrigues.Idem, ibidem, p 5-6.

<sup>45</sup>. Idem, Ibidem.

<sup>46</sup>. Clubes que participaram do Torneio Início: Remo, Tuna Luso Brasileira, Paiysandú, Sport Belém, Yamada, Também, Pinheirense, Izabelense e Tiradentes. C. f. “Remo é campeão do Torneio Início Feminino.” Belém. *A Província do Pará*: 19/09/1983, p. 2. Ver Também: “Torneio Feminino é atração amanhã.” Belém. *A Província do Pará*: 17/09/1983, p. 11.

<sup>47</sup>. Idem.

<sup>48</sup>. O escanteio no jogo de futebol designa o lance em que a bola sai do campo pela linha de fundo, uma saída de bola do adversário. C.f. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa*. ANJOS, Margarida dos; FERREIRA, Marina Baird (orgs.) [et al.]. 4. ed. Ver. Ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

<sup>49</sup>. Federação Paraense de Futebol.

PORTARIA Nº 324/83<sup>50</sup>

O Presidente da Federação Paraense de Futebol, no uso/ das atribuições que lhe confere os Estatutos em vigor e, considerando os resultados do Campeonato Paraense de Futebol Feminino de 1983.

RESOLVE

Aprovar os resultados dos jogos realizados pelo 2º turno do Campeonato Paraense de Futebol Feminino de 1983, nos termos do Regulamento da citada competição, marcando-se os pontos correspondentes, conforme, discriminação abaixo:

| <u>DATA</u> | <u>JOGOS</u>                      | <u>RESULTADOS</u>     |
|-------------|-----------------------------------|-----------------------|
| 26.11.83    | Payssandu E. Clube x Yamada Clube | Payssandu E. C. 7 x 1 |
| 27.11.83    | Clube do Remo x Tuna Luzo Brasil. | C.do Remo 2 x 0       |
| 03.12.83    | Tuna Luzo Brasil. X Payssandu     | Tuna Luzo 1 x 0       |
| 04.12.83    | Clube do Remo x Yamada Clube      | C. do Remo 4 x 1      |
| 10.12.83    | Yamada Clube x Tuna Luzo Brasil.  | Yamada Clube 2 x 1    |
| 11.12.83    | Payssandu E. Clube x C. do Remo   | Payssandu 2 x 1       |

PARTIDA EXTRA

DECISÃO DO 2º TURNO

17.12.83 Clube do Remo x Paysandu E. Clube C do Remo 1 x 0

OBS. Com este resultado, o Clube do Remo, conquistou o 2º Turno do 1º Campeonato Futebol Feminino como também conquistou o título máximo do 1º turno, o filiado Clube do Remo, conquistou o título de CAMPEÃO DO 1º CAMPEONATO DE FUTEBOL FEMININO 1983 FPF 20 de dezembro de 1983.

ANTÔNIO CARLOS NUNES DE LIMA  
PRESIDENTE

Esta resolução tinha como função aprovar os resultados dos jogos realizados pelo 2º turno do Campeonato Paraense de Futebol Feminino de 1983, de acordo com as pontuações alcançadas pelos clubes.

Dessa forma, com a deliberação, a prática do futebol feminino estava a todo “vapor”, tiveram vários torneios<sup>51</sup>, no qual participaram várias equipes, saindo da

<sup>50</sup>. C.f. Portaria nº 324/83. Federação Paraense de Futebol, 20 de dezembro de 1983.

<sup>51</sup>. Alguns torneios que aconteceram no Pará e no Norte: Torneio Início do campeonato Paraense de Futebol; Pará- Maranhão; Campeonato Paraense de Futebol; Copa da Amizade; Ganha Pouco; Copa Brasil, Copa Norte, etc.

“clandestinidade” e passando a disputar abertamente sem preocupação de punição dos clubes que o adotaram. O futebol foi legalizado, mas não profissionalizado. De acordo com o deputado Pio Netto que iniciou carreira cobrindo matérias no mundo futebolístico, “o futebol feminino era muito polêmico [...] Como toda novidade, esse esporte causou impacto muito grande, uma curiosidade nas pessoas [...]”<sup>52</sup> Mesmo com esses processos de transformações da mulher na sociedade era muito comum observar as dificuldades encontradas por essas atletas em se firmarem no esporte predominantemente masculino.

## 1.2 – Um Breve Histórico

Em Belém na década de 1980 já existiam alguns clubes de renomes que adotaram o futebol feminino como forma de integrar a mulher ao esporte. Como já foi mencionado anteriormente, desde 1974 que o futebol feminino vem ganhando espaço com as meninas do Fuzuê, do conhecido João Addário, entusiasta, hoje já falecido, ele e sua família tomavam conta do futebol pelada, faziam várias competições, posteriormente começou a surgir nos subúrbios de Belém times femininos de peladas.

Este esporte atingiu um maior reconhecimento no início da década de 1980. A partir de então diversos grupos passam a aderir ao esporte. O espaço foi sendo conquistado com muito esforço, inclusive com a adesão de certos setores da mídia como a imprensa esportiva (rádio, televisão, jornal impresso e revista). Os campeonatos eram formados por clubes diversos do Pará<sup>53</sup>: Sociedade Beneficente Atlético Club Cruzeiro de Mosqueiro; Olaria Futebol Clube Recreativo; Esporte Clube Providência; Milionário

---

<sup>52</sup>. C.f. Entrevista datada em 13/11/2006, com o deputado Pio Netto, cronista do jornal *Diário do Pará* da coluna “Notícias da FPF”, na década de 1980. E atualmente exerce também a função de cronista esportivo.

<sup>53</sup>. C.f. “Futebol Feminino tem torneio Início Domingo.” Belém. *Diário do Pará*. 18/10/1984, s/p.

Esporte Clube; Atlético Cidade Nova; Ponte Preta Esporte Clube; Paysandú Sport Club; Águia Futebol Clube; Tuna Luso Brasileira<sup>54</sup>, Clube do Remo, Tambés e Independente. Apresentava uma programação diversificada com rituais, utilizados no futebol feminino, o hasteamento do Pavilhão Nacional, desfile das equipes em colunas de três, concurso de beleza após as partidas. De acordo com Eric Hobsbawm “o futebol adquiriu todas as características institucionais e rituais com os quais estamos familiarizados [...]”<sup>55</sup> e também “através das tradições inventadas, por um conjunto de prática, normalmente regulada por regras implícitas ou abertamente aceitas tais práticas, de natureza ritual ou simbólica[...].”<sup>56</sup>

O Yamada ganhou certo destaque entre os grandes clubes, com suas goleadas inéditas batendo um recorde em termos de gols durante uma partida de futebol feminino no Pará, foi no jogo entre Yamada e Internacional com placar de 17 x 0, que teve como artilheira da partida Elisia marcando cinco gols.<sup>57</sup>

O futebol do Pará se destacou também com a Seleção Paraense<sup>58</sup>, que era formada por algumas atletas que se destacavam no futebol como Elisia, Helena, Calada, Raí, Márcia Julia, Adília, Graça, Aparecida, Falcão, Hérica, Cebola, Bernadete, Tânia, Ângela, Galete, Pelé, outras. O time era organizado pelo Sr. Álvaro Rodrigues coordenador geral da programação, que organizava as viagens e buscava patrocínio geralmente internacional, os jogos ocorriam em Paramarimbo, Caiena, Suriname.

---

<sup>54</sup>. Na disputa pela “Taça Brasil”, no Rio de Janeiro na década de 1980, a Tuna Luso Brasileira ficou em 4º lugar entre 16 equipes que participavam. C.f. RODRIGUES.op.cit.

<sup>55</sup>. C.f. HOBSBAWM, Eric. TERENCE, Ranger. A Invenção das Tradições. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1984, p. 296.

<sup>56</sup>. Idem, p. 9.

<sup>57</sup>. C. f. “Goleada inédita no feminino: 17 x 0.” Belém. *Diário do Pará*. 28/05/1985, p. 3.

<sup>58</sup>. C.f. “Seleção feminina já confirmou a viagem.” Belém. *Diário do Pará*. 17/09/1985. p. ?

### 1.3 – Qual o lugar da mulher dentro do “país do futebol”?

#### 1.3.3 - Redefinindo valores.

O Brasil é considerado o “país do futebol”, onde é dado um privilégio ao gênero masculino, pois no processo de tradução, interpretação, incorporação do futebol em terras brasileiras as mulheres ficaram um pouco de lado. Para Leda Maria Costa “a incorporação do elemento feminino no futebol foi lenta e tardia, o futebol era percebido como território próprio à manifestação de virilidade, por isso, no “país do futebol” o futebol feminino é ainda alvo de desconfiança e de certo estranhamento.”<sup>59</sup>

De acordo com Costa hoje “as mulheres passam a freqüentar mais os jogos e a participarem mais como torcedoras e como atletas, devido importantes mudanças na cultura contemporânea.”<sup>60</sup> Percebe-se, então, a conquista de novos espaços pelas mulheres, espaços cada vez mais públicos, em várias atividades, elas se tornam destaques.

Nesse processo de democratização esportiva<sup>61</sup> de acordo com Roberto DaMatta “o futebol é a maior escola de democracia da América Latina, se os ditadores soubessem disso eles baniam o futebol, no futebol temos negros, mestiços e brancos,

---

<sup>59</sup>. C.f.COSTA, Leda Maria da. “Traduzindo o universo do futebol feminino.” *Artigo*. Conferir [www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno06-14.html](http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno06-14.html)

<sup>60</sup>. Idem.

<sup>61</sup>. A democratização do esporte se consolidou através do Ministério da Educação, em 1985, com a criação da Comissão de Reformulação do esporte Brasileiro. Desta comissão saíram 80 indicações de reformulação, a partir da necessidade de revisão do próprio conceito de esporte no Brasil. A grande consequência desta comissão, ou o seu melhor produto, foi a Constitucionalização do esporte brasileiro pelo artigo 217 da Constituição Federal de 1988. No Preâmbulo deste artigo, o esporte no Brasil teve o seu conceito atualizado ao ser considerado como direito de cada um. Neste mesmo artigo ficava determinada a autonomia das entidades e associações esportivas. Desse modo, estava rompida a tutela do Estado sobre a Sociedade em relação á área do Esporte. C. f. Artigo. Política Nacional do Esporte. [www.fexpar.esp.br/nacional/ANTEPROJETO\\_DA\\_POLITICA\\_NACIONAL\\_DO\\_ESPORTE](http://www.fexpar.esp.br/nacional/ANTEPROJETO_DA_POLITICA_NACIONAL_DO_ESPORTE). P.3.

pobres e ricos, constitui verdadeira democracia esportiva.”<sup>62</sup> Conforme Rubim Aquino “o futebol representou inegavelmente uma forma de ascensão social, uma vez que assegurou o significativo número de elementos discriminados e menos favorecidos da sociedade, um trabalho remunerado e com gratificação legalizada.”<sup>63</sup> Dessa forma, a incorporação da mulher, especificamente em relação ao futebol, apesar de algumas dificuldades tem possibilidade, de ampliar o seu domínio. É importante perceber que apesar da mulher buscar a sua igualdade jurídica, melhores condições de vida, ocupar um lugar visível na sociedade; esta mulher há muito já vinha burlando as proibições a fim de atingir os seus propósitos. “É preciso superar a dicotomia ainda fortemente presente entre a ‘vitimização’ da mulher e a visão de uma ‘onipotência’ feminina, estabelecendo algumas vezes uma ‘heroicização’ das mulheres.”<sup>64</sup>

Na década de 1980 o país passa por redemocratização, com eleições gerais, movimentos para diretas já, movimentos constitucionais. “Nasceu a CUT, a bandeira das mulheres ganhou mais visibilidade dentro do movimento sindical, surgiu à comissão Nacional da Mulher Trabalhadora na CUT.”<sup>65</sup> O movimento feminista tomou novos rumos e uma das bandeiras utilizadas era a mulher no futebol como conquista a ser ampliada. Foram realizados vários Congressos que defendiam a idéia da mulher poder praticar diversos esportes entre eles o futebol.

#### Congresso em defesa do futebol feminino

Recife - A legalização do futebol feminino na categoria amadora será o principal tema a ser debatido no Congresso Interestadual de Futebol Feminino, cujo inicio está marcado para segunda-feira nesta capital [...].<sup>66</sup>

---

<sup>62</sup>. C.f.DAMATTA. op.cit. p. 47.

<sup>63</sup>. C.f.AQUINO. op.cit. p. 55.

<sup>64</sup>. C.f.MATOS, op.cit

<sup>65</sup>..C.f.COSTA, Lucia Cortês da.“Gênero: uma questão feminina?” Artigo.C. f. <http://www.uepg.br/nupes/genero.htm>.

<sup>66</sup>. C.f. “Congresso em defesa do futebol feminino.” Belém. *O Liberal*: 11/12/1980, p.4.

As mulheres reivindicam a legalização do futebol feminino frente à categoria amadora, buscam conseguir a igualdade junto ao futebol masculino e dos desportistas, de onde esperam respeito e compreensão. “Para elas ao se engajar no futebol a mulher não pretende tirar de campo o futebol masculino, mas sim juntar as chuteiras e receber sua técnica e apoio.”<sup>67</sup> As mulheres esperavam romper as inúmeras dificuldades existentes nos meios desportivos. Nesse sentido, a luta pela democratização das relações de gênero persistiu e com a Constituição Federal de 1988 a mulher conquistou a igualdade jurídica, pois esta consagrou conquistas importantes no campo dos direitos da mulher. “Homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição (Art. 5º, I).”<sup>68</sup> Apesar de todas essas mudanças, pode-se dizer que a mulher ainda se via presa a uma série de valores construídos no interior da sociedade, passando gradativamente por transformações na área profissional (trabalhando em profissões que antes só era permitido aos homens como: motorista, operário, mecânico, etc.), no setor pessoal, a busca da sua liberdade de expressão, o direito à separação do esposo, a ter outros relacionamentos, cuidar da casa e dos filhos sozinha, criação de delegacia para mulheres para o combate à violência contra mulher, etc. Neste momento a mulher sai à rua cada vez mais para trabalhar, dividindo as contas com o marido, assumindo sozinhas responsabilidades cada vez maiores.

Esse lado da luta, dos movimentos sociais reivindicativo, conforme D’Incão, “seja como movimento propriamente dito, seja na política local ou nacional, de dentro de profissões, de instituição, hoje, de uma modernidade libertária, uma vez que caminha na direção da cidadania.”<sup>69</sup> Nesse sentido, o futebol é analisado como um movimento de luta pela inserção feminina nos “gramado”. Estas mulheres saem do anonimato para

---

<sup>67</sup>. C.f. “I Congresso de futebol Feminino.” Belém. *O Liberal*: 05/12/1980, p.1.

<sup>68</sup>. C.f. PINTO, op.cit. p. 78.

<sup>69</sup>. C.f.D’ INCÃO, Maria Ângela. “Mulher e modernidade na Amazônia.” Belém: CEJUP, 1997, p. 359.

fazer parte desse esporte, dentro e fora de campo. Não só como atleta, mas também como profissionais do futebol. Destacando-se como jornalistas, defensoras Públicas, juizas, bandeirinhas, treinadoras.

A figura feminina ganha um novo enfoque e perante o esporte as mulheres estão mais liberais, independentes, assumindo postos que anteriormente os homens dominavam. Seja como espectadora ou praticante a incorporação da mulher em diversas modalidades esportivas, apontam para importantes mudanças na cultura contemporânea e para novos espaços a serem ocupados, que são cada vez mais públicos. Nossa percepção quanto aos seus papéis consequentemente acompanham essas transformações.

Elizabeth Addário que jogou quando adolescente no Fuzuê, time formado por seu pai João Addário na década de 1970, transformou-se numa incentivadora do esporte, e assumiu o cargo de Defensora Pública na década de 1980, sendo nomeada pelo presidente da Federação Paraense de Desportos, Cel Antônio Carlos Nunes, ao cargo de Advogada do Tribunal de Justiça Desportiva – TJD- do referido órgão como Defensora da Ativa, defendia os jogadores que não tinham condições de pagar advogado. Sendo a primeira mulher a integrar o TJD em Belém, conforme o ofício da Assembléia Legislativa do Estado do Pará enviado ao Sr. João Addário radialista da rádio Marajoara que trabalhava também na Federação Paraense de Futebol.

[...] Considerando que o presidente da Federação Paraense de Desporto, Cel. Antônio Carlos Nunes, nomeou no último dia 02, a Advogada Carmem Elizabeth Aragão Addário, para o cargo de Advogada do Tribunal de Justiça Desportiva da referida Entidade;

CONSIDERANDO que a Doutora Carmem Elizabeth, é a Primeira mulher a integrar o TJD da FPF [...].<sup>70</sup>

---

<sup>70</sup>. C.f. Ofício nº 5354/Séc-85. Estado do Pará. Assembléia Legislativa, 31.10.1985.



De acordo com o processo de democratização esportiva, Elizabeth Addário ao exercer o cargo de advogada do TJD da FPF ganhou uma dimensão política significativa.

A Dr. Elza Soares é outro exemplo da figura feminina no futebol, “na década de 1970, criou a torcida uniformizada “bicoletes”. Onde as garotas ensinavam para a platéia algumas coreografias antes e nos intervalos dos jogos na Curuzu e também no Mangueirão.”<sup>71</sup> Era um trabalho que não trazia ônus para o clube, e por esse fator não era bem visto pela diretoria que achava depreciativo para agremiação. Dessa forma, Soares “agüentou a ‘barra’ por alguns anos e depois criou a torcida “Paixãoossa”, em pé até hoje e sua maioria é composta por mulheres.”<sup>72</sup>

Não só a “Paixãoossa” exaltou a presença da mulher no esporte, pois posteriormente a estudante Rosana dos Santos de 22 anos, criou a torcida ‘Gatas da fiel’, “que fez estréia oficial no jogo diante da Portuguesa. Colocando uma enorme faixa, na qual se via uma sensual mulher deitada e uniformizada, representando o Paysandú, escrito “as gatas da fiel”, composto por 20 pessoas.”<sup>73</sup>

A mulher torcedora é analisada como sujeito que burla os padrões sociais femininos e assume características masculinas, pois “havia uma representação simbólica que não identificava a mulher com força física, mas com docilidade.”<sup>74</sup> Entretanto, o futebol era considerado um esporte que demonstrava esforço físico, gestos e atitudes não condizente com a condição feminina.

---

<sup>71</sup>. C. f. “Beleza nas arquibancadas.” Artigo. [www.nacaobicolor.com/feminino.php](http://www.nacaobicolor.com/feminino.php).

<sup>72</sup>. Idem.

<sup>73</sup>. Idem, Ibidem.

<sup>74</sup>. C.f.LOBO. Apud. FONTES, Edilza Joana de Oliveira. “Mulher na padaria dá problema de amores.” IN: O pão nosso de cada dia: trabalhadores e indústria da panificação e a legislação trabalhista (Belém 1940-1954). Belém: Paka-Tatu, 2002, p. 118.

Dessa forma, pensar a mulher como torcedora rompe com os paradigmas criados socialmente.

A mulher abre mão do que se convencionou a chamar feminilidade composta por características como passividade, ternura, obediência, em troca de agressividade, liderança, ambição, ou seja, masculinidade, pagam um preço alto perante a sociedade.<sup>75</sup>

A participação feminina no futebol cresceu significativamente, mas a situação atual das mulheres ainda deve ser avaliada com cautela. Porém, não há um número considerável de mulheres nas comissões técnicas dos clubes de futebol feminino, nem no nível administrativo das entidades que regem o esporte. Além disso, vários preconceitos e estereótipo ainda cercam a prática das mulheres desta modalidade, como a associação de sua imagem a homossexualidade por aspecto estético, nos quais os estereótipos culturais estão ligados a padrões de beleza e feminilidade:

Que impõem as mulheres determinadas formas de ser, de se comportar, se vestir, de andar, de sentar, de se expressar, de jogar e de praticar esportes. Estereótipos construídos e veiculados cotidianamente na vida de cada um de nós através dos meios de comunicação de massa, da escola, da igreja, da família, do partido político etc.<sup>76</sup>

Assim podemos afirmar que na nossa sociedade, muitas vezes, esse preconceito sobre o futebol feminino está relacionado às diferenças de gênero que são tidas como diferenças de sexo, afirmando-as como naturais. As diferenças de gênero<sup>77</sup> são construídas social e culturalmente, nos indicando como devemos nos comportar, nos vestir, agir, quais as carreiras que devemos seguir, que brincadeira devemos fazer, que esporte devemos praticar, etc. Sendo que estas diferenças podem ser modificadas. Já a

---

<sup>75</sup>. C.f.SIMÕES, A. C (org.). I Fórum de Debates Mulher em busca dos seus limites. Jornal da USP, São Paulo, 9 a 15 set., 1996, p. 9.

<sup>76</sup>. C.f.GOELLNER, Silvana Vilodre. “Pode a mulher praticar o futebol?.” In: CARRANO, Paulo César R. (org.) Futebol: paixão e política. Rio de Janeiro: DP & A, 2000, p.82.

<sup>77</sup>. Idem.

diferença de sexo<sup>78</sup> é biológica e se apresenta desde o nosso nascimento determinando o sexo da criança. Visto que homem e mulher apresentam características físicas diferentes e hormônios diferentes. Quando se fala de diferenças entre homens e mulheres, verifica-se que é na relação entre os sexos que se estabelecem as relações de gênero.

## **Altos e Baixos do Futebol Feminino.**

### **2.1 – Preconceito.**

O Brasil sendo considerado “o país do futebol”, mas um país do futebol masculino, “onde a configuração tanta simbólica quanto concreta dos espaços ocupados pelo futebol pertence, primordialmente, aos homens”<sup>79</sup> deixando a mulher à margem do futebol. Segundo Marcos Alves de Souza esse preconceito ocorre “pelo fato do futebol brasileiro ser entendido como um complexo de rituais de iniciação que abrem acesso à virilidade adulta.”<sup>80</sup> Desde a infância o menino é socializado ao futebol, jogam e sonham em jogar como um de seus ídolos, ao contrário das meninas que são criadas e persuadidas a praticarem esportes e brincadeiras consideradas femininas. A mulher sofre preconceito e discriminação no futebol, por ser considerada culturalmente um corpo frágil diante do homem e pelo fato da maioria das mulheres desconhecerem as regras de futebol, sendo assim, Souza “atribui a mulher apenas o papel de auxiliar do homem no futebol, torcendo em função dos laços sociais próximos, acompanhando o futebol a partir de irmãos, namorado, primo, pai.”<sup>81</sup> Sendo que à mulher cabe um papel de coadjuvante neste processo de afirmação da masculinidade no futebol. Dessa forma

---

<sup>78</sup>. Idem, Ibidem.

<sup>79</sup>. C.f.COSTA. op. cit. p.2.

<sup>80</sup>. C.f.SOUZA, Marco Alves de. “Gênero e Raça: a Nação Construída pelo Futebol Brasileiro.”: In: Cadernos Pagu (6-7). Brasília: UNB, 1996, p. 135.

<sup>81</sup>. Idem.

ocorreu certa desconfiança da prática do futebol feminino, pelo fato do futebol fugir dos padrões socialmente aceitos.

Os preconceitos foram historicamente construídos pela e na nossa cultura, sendo alguns dos elementos que fazem com que o questionamento sobre a participação da mulher no futebol sempre reapareça. De acordo com *A Província do Pará*<sup>82</sup> a juíza Catarina Nery ao dirigir o jogo de profissionais no Mangueirão entre Independente e Paysandú que terminou em 1 x 1, distribuindo cartões amarelo e um vermelho, expulsou o centroavante do Independente, sofrendo críticas após a partida. Conforme os comentários dos jogadores de ambas as equipes, os quais afirmaram que ela não teria condições de dirigir um jogo de profissionais, seria melhor que a mesma apitasse jogos femininos, pois jogo masculino tem que ser dirigido por um homem de pulso forte.<sup>83</sup>

Por ser considerado um esporte eminentemente masculino e violento e requerer um nível apurado de preparação técnica e física, acaba sendo considerado um esporte para homens, pois estes, fisicamente são considerados mais “fortes” em relação às mulheres. Entretanto, o futebol também é violento para o homem, que pode sofrer algum tipo de lesão na sua saúde reprodutiva e em outras partes do corpo. Nesse sentido, “o homem também sofre com treinamento excessivo, lesões frequentes, pressões psicológicas.”<sup>84</sup>

Nota-se que as atletas eram questionadas pela sua aparência corporal, seus gestos e atitudes em campo. Tais questionamentos ocorriam em relação à prática feminina no futebol do ponto de vista da sexualidade humana.

Entretanto, a sexualidade é uma questão de escolha, e o que isso poderia estar relacionado com o futebol? Uma vez que, existem homossexuais que nunca colocaram

---

<sup>82</sup>. C.f. “Junior não passa do Empate com Independente.” Belém. *A Província do Pará*. 31/10/1983. p. 2.

<sup>83</sup>. Idem.

<sup>84</sup>. C.f. GOELLNER. Op.cit. p. 85.

os pés em um estádio de futebol. Conforme Goellner “comportamento sexual e formas de amar o outro/outra são opções pessoais de cada homem e cada mulher, e isso em nada interfere na sua prática esportiva.”<sup>85</sup>

Pensar o futebol feminino como meio de manipulação homossexual é assumir posturas pessoais, tais como machismo e outros preconceitos ou estereótipos. “Preconceitos relacionados a representações de masculinidade e feminilidade. Isto é, daquilo que cabe a um e a outro sexo na vida em sociedade.”<sup>86</sup>

## 2.2 – Violência no futebol

A violência foi um outro fator preocupante no futebol feminino, característica do esporte praticado por homens, foi trazida para o feminino pelas mulheres. A rivalidade crescia entre os clubes, principalmente entre Remo e Paysandú, com disputas pelos resultados em jogos nos campeonatos e junto com as disputas crescia o índice de violência entre jogadoras, dirigentes e treinadores. A jogadora Berenice do Yamada Clube foi considerada a primeira jogadora paraense a ser expulsa de campo, e depois tentou agredir uma jogadora do time adversário, na partida entre Paysandú e Yamada Clube, pelo campeonato feminino de futebol, no Estádio “Francisco Vasques” como mostra *A Província do Pará*.<sup>87</sup> Segundo o depoimento de Nazaré conhecida como Naná, ex-goleira do Paysandú, a violência era presente nos jogos, pois “Quando as jogadoras se encontravam geralmente a “porrada” rolava, principalmente entre Remo e Paysandú, a rivalidade era grande, ninguém queria perder, então, rolava provocações entre as

---

<sup>85</sup>. C.f.GOELLNER. Op.cit.p. 88.

<sup>86</sup>. C.f.GOELLNER, op.cit. p. 81.

<sup>87</sup>. C.f.“Berenice, a primeira a ser expulsa no Pará.” Belém. *A Província do Pará*. 03/10/1983. p. 2.

atletas, torcedores, até partirem para a briga.”<sup>88</sup>Em meio a tanta violência é possível perceber a preocupação dos dirigentes e organizadores; a violência saia dos campos para as arquibancadas, ou vice-versa. Como mostra o *Jornal O liberal*<sup>89</sup> sobre o tumulto que foi evitado dentro de campo num jogo entre o Remo e o Paysandú, no qual o Paysandú saiu vencedor e a goleira Mirian do Remo foi provocada por algumas torcedoras azulinas que não se conformaram com a derrota. A goleira partiu para arquibancada, pulando o alambrado e tentando agredir a torcedora.

A atleta assume um papel que até então era característico dos homens, a mulher passa a ser agressiva, a gritar, dar socos, pontapés, chutes, ser violenta, como se convencionou ao gênero masculino. Será que a mulher sempre foi meiga? Nunca foi violenta? Tais atitudes geram mudanças em seus comportamentos, masculinizando a jogadora. “A masculinização da atleta feminina do futebol expressa não uma consequência, mas um preconceito que advém da desigualdade que se atribui aos diferentes sexos no que diz respeito à sua participação na prática do futebol.”<sup>90</sup> Essas desigualdades podem estar relacionadas ao modelo dominante de mulher, definido por um conjunto de normas sociais. Entretanto, a quebra desse modelo dominante não era fácil naquele momento, apesar de algumas mulheres começarem a “ousar” em campo, a violência era uma dessas ousadias. Uma vez que, a mulher ao praticar atos violentos durante os jogos, contra o time adversário deixava de ser vista como “sexo frágil”, igualando-se ao homem no esporte.

No futebol a violência está sempre presente e isso ocorre segundo Souza devido “o futebol pertencer a uma categoria de esportes que tem como um dos ingredientes

---

<sup>88</sup>. C.f. Entrevista datada em 09/11/2006, com a Sra. Maria de Nazaré, conhecida como Nana, ex-goleira do Paysandú e Independente, aos 43 anos atua hoje como funcionária pública no DRT de Belém (Delegacia Regional do Trabalho).

<sup>89</sup>. C.f. “Goleira partiu para agredir a Torcedora.” Belém. *O Liberal*. 01/07/1984, p4.

<sup>90</sup>. C.f. GOELLNER.op.cit. p.86.

centrais a aceitação social de expressão ritualizadas de violência física [...] onde as equipes são autorizadas, até certo ponto, a praticar a violência, representando uma luta [...]”.<sup>91</sup> Sendo caracterizado como um encontro de opostos, admitindo-se um conflito comunitário, terminando pacificamente a competição, tendo como objetivo a meta, onde adeptos do futebol, somente a vitória interessa, devendo a derrota ser evitada a todo custo. Conforme Souza, “vencer um inimigo no futebol significa uma auto-afirmação simbólica da própria potência.”<sup>92</sup>

De certa forma, “o futebol pertence a uma categoria de esportes que tem como um dos ingredientes centrais a aceitação social de expressões ritualizadas de violência física.”<sup>93</sup> Sendo assim, a tensão entre jogadoras, torcedores e dirigentes, também fazia parte do jogo, desde que houvesse o acatamento de suas decisões e o acordo quanto ao conjunto de regras do jogo por ambos os times.

Desse modo, em 1986 a FPF resolveu acabar com o campeonato feminino de futebol para tentar evitar esses conflitos entre as atletas, clubes e até torcedores.

Entretanto, não se pode dizer que o futebol feminino acabou de fato, o que terminou foram os campeonatos patrocinados pela FPF juntamente com os clubes paraenses, porém se pode-se dizer que ficou esquecido num tempo em que as mulheres buscavam para si o respeito, a dignidade, o crescimento, a valorização, o reconhecimento como atleta, como profissional no mundo futebolístico, buscando ocupar o seu espaço na sociedade.

Portanto, o futebol feminino não teve apoio por falta de interesse das autoridades competentes, diferente do futebol masculino que teve todo um investimento. Assim como aconteceu esses fatores que foram citados anteriormente no futebol feminino, o

---

<sup>91</sup>. C.f. SOUZA, op.cit p. 135.

<sup>92</sup>. Idem, p. 141.

<sup>93</sup>. Idem, Ibidem, p.142.

masculino também passou por todas essas situações, o fato é que o futebol feminino apesar de ter boas atletas não conseguiu crescer profissionalmente devido não ter recebido investimento capaz de promover o esporte e por não provocar interesse nas pessoas envolvidas com o mesmo.

### **A Volta do Futebol Feminino: Campo e Salão - Independente Atlético Clube.**

Em 1989 a CBF já falava em regulamentar a profissão de jogadoras de futebol, pois o esporte já vinha ganhando força no Brasil nos últimos anos e “teve seu melhor desempenho no mundial deste ano em que a Seleção Brasileira conseguiu uma medalha de bronze.”<sup>94</sup>

No Pará o campeonato de futebol feminino havia saído de “cena” no ano de 1986, devido vários fatores que foram analisados no capítulo anterior. Jogar futebol feminino era um desafio por não haver nenhum apoio e patrocínio para esse esporte amador. Por isso, os poucos times de futebol composto de mulheres que existiram em Belém foram extintos, restando somente o Independente Atlético Clube que manteve sua equipe em jogos amistosos.

“O Independente foi fundado pelo Sr. Bastos em 1972, só em 1985 foi que se introduziu o futebol feminino de campo, já o futebol feminino de salão só veio existir em 1988, data do primeiro futsal feminino.”<sup>95</sup> O Independente foi o primeiro campeão paraense de Futsal no Pará.<sup>96</sup>

A maioria das atletas que jogavam pelo Clube do Remo, Paysandú Sport Club, Tuna Luso Brasileira, passaram a jogar no Independente, pois era o único time que

---

<sup>94</sup>. C.f. “CBF quer regulamentar profissão.” Belém. *A Província do Pará*: 13/06/1989, p.? Arq. FPF.

<sup>95</sup>. C.f. “Futsal feminino revela estrela.” Belém. *O Liberal*: 28/11/1994, s/p.

<sup>96</sup>. C.f. Bastos. op.cit.



representava o futebol feminino paraense disputando campeonato pelo Brasil, especificamente Rio de Janeiro e São Paulo.

Esse futebol feminino como já mencionado acima exportou algumas jogadoras, o que mostra que se não houvesse a interrupção nos jogos estaria tecnicamente preparado para a nova temporada.

Desse modo, o Independente sobrevivia no futebol “profissional”, chegou a ser “Campeão Brasileiro de Futebol de campo e vice-campeão do 1º Torneio Copa Brasil de Futebol de Campo e Salão.”<sup>97</sup> Essas vitórias ocorreram no ano de 1990 em São Paulo. Ainda em 1990 o Independente se destacou, levando o nome do futebol paraense para fora do Estado, ao derrotar o Vasco da Gama do Rio de Janeiro por 2 a 1 sagrou-se campeão de um “campeonato de futebol feminino realizado na cidade de Águas de Lindóia, São Paulo,”<sup>98</sup> numa promoção da prefeitura local, onde tinha a presença de vários times do Brasil como o Sulamérica do Amazonas e o Goiás. O Independente participou de vários outros torneios, como o da Taça Brasil<sup>99</sup> disputado por seis melhores equipes femininas de futebol de salão, o Torneio foi realizado no ginásio poliesportivo, Riacho, na cidade de Contagem, Minas Gerais.

Apesar de o futebol estar desenvolvido no Brasil, ainda era muito forte a falta de patrocínio e interesse por parte do governo e empresários. O esporte feminino agonizava por falta de estrutura que garantisse a condição e a continuidade de gerações de atletas.

---

<sup>97</sup>. C.f. “Por que o futebol feminino não sobreviveu?.” *Folha do Norte*. Belém: 29/03/1991, s/p., arq. FPF. Vale ressaltar que atualmente o Independente está somente com o time de campo, salão teve que parar por falta de dinheiro, pois os custos são muito caros.

<sup>98</sup>. C.f. “Independente derrota Vasco da Gama vencendo torneio.” Belém. *O liberal*: 31/01/1990, s/p, Arq. FPF.

<sup>99</sup>. C.f. “Jogadoras do Independente disputam a II Taça Brasil.” Belém. *O Liberal*: 26/04/1991, p. 3.

No Rio de Janeiro, São Paulo, algumas “profissionais” da bola, recebiam péssimos salários<sup>100</sup>, enquanto em Belém o futebol amador não tinha apoio nenhum. Não era visto como um espaço que viabilizasse retorno econômico para o governo e para a sociedade, diferente da região sul e sudeste, onde o futebol nesse momento era formado por uma elite feminina, mulheres que disputavam o futebol society, segundo Heloisa Bruhns “sem empurrões nem cusparadas, mulheres bonitas e bem arrumadas, modelos de agências e revistas.”<sup>101</sup> Estas mulheres buscavam se promover através do esporte.

O futebol paraense nessa terceira fase era formado por meninas pobres, isto é, ao contrário dessas modelos, seus objetivos eram seguir carreira e se profissionalizar no esporte. Nesse momento os times que participaram foram: Independente, Espada, Santa Rosa, Sesi, Santa Isabel, Castanhal, entre outros.

As últimas transformações ocorridas conduziram a um novo comportamento da sociedade com relação a essas atletas. A década de 1990, não foi especialmente propícia a expansão dos movimentos sociais, “havendo mesmo um retraimento da maioria deles, porém foram criadas as condições para que suas demandas fossem incorporadas por largas parcelas dos discursos públicos.”<sup>102</sup>

Segundo Pinto “há um novo tipo de postura no país a respeito das teses e demandas que partiram dos movimentos identitários em geral e particularmente do

---

<sup>100</sup>. C. f. “O futebol feminino agoniza por falta de estrutura.” Belém. *O Liberal*: 19/01/1991, p. 8. arq. FPF.

<sup>101</sup>. C.f.BRUHNS, Heloisa Turini. “Sobre o Futebol”. In: Futebol, Carnaval e Capoeira. Campinas: Papyrus, 2000, p. 76.

<sup>102</sup>. C.f.PINTO, op.cit, p. 92.

feminismo.”<sup>103</sup> “Não sendo mais legítimo tratar mulheres como ridículos e inferiores, e isto é sem dúvida uma vitória da militância dos movimentos sociais.”<sup>104</sup>

Nesse sentido, as jogadoras eram bem mais aceitas nesse período, porém com todas essas mudanças ainda encontrava-se barreiras para que o futebol feminino fosse totalmente reconhecido como profissão. Ainda era perceptível esse sentimento “machista”, não só por parte dos homens, mas também das mulheres “que acreditavam que praticando o futebol ficariam menos femininas.”<sup>105</sup> Nos campos de futebol elas ainda são discriminadas, insultadas pelo simples direito de poder comparecer, torcer, jogar, arbitrar.<sup>106</sup>

Entre rupturas e permanências, a mulher faz a sua história nesta modalidade esportiva, sendo que a historiografia oficial quase que se limita a engrandecer os clubes ou atletas que marcaram a história do futebol feminino. Como se na história do futebol brasileiro não houvesse, há algum tempo a participação das mulheres.

O que aconteceu com o futebol feminino no Brasil? O futebol é um dos maiores negócios do “planeta”, envolve bilhões de dólares ao ano, através de investimentos “no esporte, no marketing esportivo, na realização dos eventos, na produção e consumo de bens materiais (roupas, medicamentos, marcas e produtos dos mais diversos), [...], na comercialização das imagens dos/das atletas[...]”<sup>107</sup> É claro que há interesses políticos e econômicos sobre o futebol e no feminino não é diferente.

Não há dúvida que o futebol se traduza na atualidade como um fenômeno social de grande abrangência e visibilidade. As suas diferentes manifestações fazem parte da vida cotidiana de cada um de nós, envolvendo sujeitos de diferentes contextos culturais,

---

<sup>103</sup>. Idem.

<sup>104</sup>. Idem, Idem.

<sup>105</sup>. C.f. “Por que o futebol feminino não sobreviveu?” op.cit.

<sup>106</sup>. C.f. “O futebol feminino no Brasil.” Belém. *A Província do Pará*: 21/07/1999, s/p, arq. FPF.

<sup>107</sup>. C.f. GOELLNER, op.cit p.91.

seja como praticante, seja como espectadores. O futebol possui história, que foi feita pela ação de diversos homens e mulheres que a seu tempo realizaram ações que consolidaram esta prática inspirando, de certa forma, o que hoje vivenciamos.

E o futebol feminino do Pará vive do passado, pois hoje só resta um time, o Independente, do Sr. Bastos, que até hoje organiza campeonatos de futebol feminino interestadual, para conservar e quem sabe reacender o esporte em Belém.

Este estudo é relevante, pois representa um avanço às discussões historiográficas no âmbito social da história da Amazônia, uma vez que destaca a participação feminina no Pará com ênfase numa categoria, futebol, até então inédito na historiografia paraense.

Buscou-se analisar o processo de construção do futebol feminino que vai do anonimato aos dias atuais, destacando o processo de oficialização do esporte no Pará. Priorizando os sujeitos históricos envolvidos. Consequentemente, as fontes orais foram de grande importância ao presente trabalho, uma vez que possibilitaram a compreensão do futebol feminino e suas respectivas histórias cotidianas.

A mulher aparece como sujeito da sua própria história, passou a conquistar seu espaço no mundo futebolístico mostrando suas habilidades e seu conhecimento no assunto.

O futebol feminino não é apenas uma modalidade esportiva com regras próprias, técnicas determinadas e táticas específicas, assim como no masculino, não é apenas uma manifestação lúdica do homem e da mulher, nem tão pouco o ópio do povo, como preferem alguns. O futebol feminino é uma forma que a mulher encontrou para se expressar, uma maneira de extravasar características emocionais profundas, tais como paixão, ódio, felicidade, tristeza, prazer, dor, coragem, garra, fraqueza, entre outras.

Portanto, compreende-se o futebol feminino na presente pesquisa, não enquanto esporte apenas, mas como um dos pilares organizadores das relações sociais e um instrumento de significação e codificações.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADELMAN, Miriam. Silvestrin, Celci Bronstrup.(orgs.) **Genero Plural**. Curitiba:UFPR, 2002.
- ARENDDT, Hannah. **Sobre a Violência**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
- AQUINO, Rubim Santos Leão de. **Futebol, uma paixão nacional**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- BLOC, Marc. Apud. REIS, José Carlos. “**O surgimento da ‘Escola dos Annales’ e o seu ‘Programa’**”. In: *Escola dos Annales - A Inovação em História*. São Paulo: Paz & Terra, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. “**O campo científico**”. In: ORTIZ, Renato. (org.).*Pierre Bourdieu: sociologia*.São Paulo: Ática, 1983.
- \_\_\_\_\_.**O poder simbólico**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- BURK, Peter. “**História Oral**”. In: *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992. p.192.
- BRUHNS, Heloisa Turini. “**Sobre o Futebol**”. In: *Futebol, Carnaval e Capoeira*. Campinas: Papirus, 2000,
- D’ INCÃO, Maria Ângela. “**Mulher e modernidade na Amazônia**”. Belém: CEJUP, 1997.
- DAOLIO, Jocimar. “**As contradições do futebol brasileiro**.” In: *Futebol, paixão e política*. CARRANO, Paulo César (org.). Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- DAVIS, Natalie Zemon. **Nas margens**.São Paulo: Cia.das Letras, 1997.
- FALCI, Miridan & MELO, Hildete. **Riqueza e Emancipação**. In: GEBRAN, Philomena. *História Cultural*. Goiânia: Vieira, 20006.
- FREIRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala: Formação da Família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. Rio de Janeiro: Record, 1992.

- GOELLNER, Silvana Vilodre. “**Pode a mulher praticar o futebol?**” In: CARRANO, Paulo César Rodrigues (org.). **Futebol: paixão e política**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- GOLDANI, Ana Maria. “**As famílias no Brasil Contemporâneo e o mito da desestruturação.**” In: *Cadernos Pagu*. São Paulo: IFCH/ UNICAMP. Nº1, 1993.
- HOBBSAWM, Eric.TERENCE, Ranger. **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1984.
- LE GOFF, Jacques. “**Documento/monumento.**” In: *História & Memória*. trad. Bernardo Leitão[et al.]. Campinas: UNICAMP, 1990.
- LOURO, Guacira. **Gênero, Sexualidade e Educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
- MALUF, Marina. “**Memórias sagradas, história profana.**” In: *Ruídos da memória*. São Paulo: Siciliano, 1995.
- MATOS, Maria Izilda Santos de. “**Por uma história das sensibilidades em foco-A masculinidade.**” In: *História: Questões & Debates*. Curitiba: da UFPR, nº 34, 2001.
- \_\_\_\_\_. “**Outras Histórias: As Mulheres e Estudos de Gênero: Percursos e Possibilidades.**” In: *Gênero e Debates: Trajetórias e Perspectivas na historiografia Contemporânea*. São Paulo: Educ, 1997.
- \_\_\_\_\_. & FARIA, Fernando. **Melodia e Sintonia em Lupicínio Rodrigues**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- MAUÉS, Maria Angélica Motta. “**A Mulher como fonte de desordem e perigo**”. In: “trabalhadoras” e “Camaradas”. *Relação de gênero, Simbolismo e Ritualização numa comunidade amazônica*. Belém: UFPA, 1993.
- MÉDICI. Apud BARBERO. “**Metodologia no uso das fontes: os lugares das identidades culturais.**” In: *A Invenção do Paraense: Tradição, identidades e regionalismo no Pará*.
- MELO, Victor Andrade de. “**Futebol que coisa é essa?!**” In: CARRANO, Paulo César R. (org.) **Futebol: paixão e política**. Rio de Janeiro: DP & A, 2000.
- PLAY, Le. Apud. CASE, James. “**A História da Família.**” São Paulo: Ática, 1991.
- PINSKY, Carla Bassanezi (org.) **Fontes Históricas**. São Paulo: contexto, 2005.
- \_\_\_\_\_. “**Revista feminina e o Ideal de Felicidade Conjugal (1945-1964).**” In: *Cadernos Pagu. Trajetórias e Sentimentos*. Ed.: IFCH/UNICAMP, 1993.

PISCITELLI, Adriana G. **“Tradição Oral, Memória e Gênero: Um comentário metodológico.”** In: Cadernos Pagu: de trajetória e sentimentos. Nº1. São Paulo: IFCH/UNICAMP, 1993.

PEREIRA, Leonardo Afonso de Miranda. **Foottballmania. Uma história social do futebol no rio de Janeiro:** Objetiva, 1996.

PINTO, Célia Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 20003.

PORTELLI, Alessandro. **“O momento da minha vida”:** funções do tempo na história oral. In: FENELON, Déa Ribeiro (et alii) (orgs.). *Muitas memórias, outras histórias.* São Paulo: Olho d’ Água, 2004.

REIS, Helena Baldy dos. **Futebol e Violência.** Campinas: Armazém do Ipê (Autores Associados), 2006.

ROCHA, Everaldo P. Guimarães. **“Pensando em Parti.”** In: *O que é Etnocentrismo?*. São Paulo: brasiliense, 9º ed., 1993.

SCOTT, Joan. **“História das Mulheres.”** In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história.* São Paulo: UNESP, 1992.

SOIHET, Rachel. **“Enfoques Feministas e a História: Desafios e Perspectivas.”** In: *Gênero em Debate: Trajetória e Perspectivas na Historiografia Contemporânea.* São Paulo: Educ, 1997.

SILVEIRA, Apud, ROSALDO; LAMPHERE. **“Iniquidade no atendimento à saúde ligada a gênero: O caso das mulheres.”** In: *Coletânea Gênero Plural.* Curitiba: UFPR, 2002.

SOUZA, Marco Alvez de. **“Gênero e raça: A Nação Construída pelo Futebol Brasileiro.”** In: *Cadernos Pagu (6-7).* Brasília: UNB, 1996.

TOLEDO, L H. **No país do futebol.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

\_\_\_\_\_. **Torcidas organizadas de futebol.** São Paulo: ANPOCS, 1996.

THOMSON, Alistair. **Recompondo a Memória: Questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias.** In: *Projetos Histórias.* nº 15, abril/1997.

VIEIRA Jr. Antonio Otaviano. **Nas margens do Casamento: sedução masculina e conflitos amorosos em Fortaleza (1799-1820).** IN: NEVES, Frederico & SOUZA, Simone. *Gênero.* Fortaleza: Fund. Demócrito Rocha, 2002.